

O CONSTRUTIVISMO SOCIAL EM RI PODE MOLDAR AS POLÍTICAS EXTERNAS? UM CASO DAS RELAÇÕES COREIA DO NORTE-CHINA

Anmol Mukhia¹

Introdução

Por que a Coreia do Norte e a China ainda são consideradas irmãs de sangue na política do Nordeste Asiático? A resposta a essa pergunta reside nas relações simbólicas abordadas neste artigo. A Coreia do Norte funciona como uma zona tampão no Nordeste Asiático, com uma área de apenas 120.540 km², menor do que a província de Jilin, na China, com a qual compartilha a maior parte de sua fronteira junto ao estuário do rio Yalu. É importante compreender a cultura norte-coreana, que se distingue por sua história e sua forte ligação com a China no que diz respeito à “Guerra da Coreia” (1950-53), em vez de se basear na percepção dos realistas sobre fatores materiais, utilizando pressupostos de “equilíbrio de poder” ou “ameaça”. Observar essas relações norte-coreanas por meio de fatores materiais leva a uma compreensão incompleta, pois ignora a conexão social e cultural que persiste entre a RPDC (República Popular Democrática da Coreia ou Coreia do Norte) e a RPC (República Popular da China ou China), o que pode ser atribuído a conexões históricas e simbólicas de longa data. A RPDC e a RPC mantêm relações de “lábios e dentes”, especialmente desde a Guerra da Coreia, de 1950 a 1953. Na Coreia do Norte, essa amizade é conhecida como *young ch'inson* (amizade coreano-chinesa), e na China, essa relação é chamada de *youyi* (友谊) ou *Kunshan* (親善) entre a China e a RPDC (Kwon, Heonik 2013). Cerca de 2 milhões de pessoas da etnia coreana vivem na Prefeitura Autônoma Coreana de Yanbian, na China, e em suas redondezas (Kim, 2003, p. 103). A Coreia

¹ South Asian University, Nova Deli, Índia. E-mail: anmol.mukhia@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9815-5729>.

do Norte e a China têm um entendimento simbólico comum de “irmãos de sangue” desde a década de 1950 (Yoon & Lee, 2013, p. 19). A denominação de “irmãos de sangue” tem origem na aliança militar entre os dois países durante a Guerra da Coreia. Oficialmente, a relação entre esses dois Estados também simboliza “relações de lábios e dentes”, referindo-se ao profundo vínculo entre a Coreia do Norte e a China.²

A Guerra da Coreia teve início às 4h da manhã de domingo, 25 de junho de 1950, quando as forças norte-coreanas marcharam em direção à Coreia do Sul a partir do Corredor de Uijongbu, numa tentativa de reunificar a Coreia (Thomas & Abbott, 1986, p. 3). No entanto, o exército sul-coreano, por outro lado, conseguiu repelir os soldados norte-coreanos, não por conta própria, mas com a ajuda dos Estados Unidos. Isso levou a China a intensificar suas atividades nas fronteiras, com o objetivo de eliminar qualquer hegemonia estrangeira no Nordeste Asiático. Na noite de 19 de outubro de 1950, mais de 360 mil Voluntários do Povo Chinês cruzaram o rio Yalu para socorrer seus irmãos simbólicos norte-coreanos. Lee Kwon-mu escreve no jornal Rodong Sinmun, em um artigo intitulado “Laços invencíveis entre os povos coreano e chinês, cimentados com sangue”, destacando a amizade e a solidariedade durante a guerra patriótica de libertação do povo coreano.³ Muitos analistas, no entanto, não aprofundam a explicação das relações entre a Coreia do Norte e a China como uma aliança, ou partem do modelo realista do “equilíbrio de poder” e do “equilíbrio de ameaças”. A perspectiva realista considera ainda que o Estado age em seu próprio interesse e é motivado pelo desejo de sobrevivência e segurança (Slaughter, 2011, p. 1-2). A literatura existente conta com trabalhos extensos sobre as relações entre a Coreia do Norte e a China como uma “Aliança Assimétrica”, “Camaradagem” ou “Relação Especial” (Dwivedi, 2012; Cho, 2021; Hoshino & Hiraiwa, 2020). Essa literatura tem se concentrado no “problema da economia”, no “problema da guerra” ou no “problema do comunismo versus capitalismo”, o que leva os Estados a se unirem em seu apoio. Todas essas questões também contribuem para a compreensão das relações simbólicas da Coreia do Norte, mas não chegam a explicar os laços mais fortes que são produto da construção social. Ignorar as diferenças sociais levou a uma falta de compreensão em muitos níveis: categorização social, violência étnica, problemas de migração e, mais importante, políticas de base cultural, etc.

2 Xinhua News, Liu Yushan visita a Coreia do Norte. 9 de outubro, 2015. URL: <http://www.xinhuanet.com/world/cnleaders/liuyunshan/lys201510chx/yw.htm> (acessado: 21.06.2021).

3 FBIS Daily Report, Foreign Radio Broadcasts, FBIS-FRB-55-062 em 1955-03-30, sob a manchete: North Korea (1955: FFF3). URL: http://phw01.newsbank.com/cache/fbis2/fullsize/sp_1315B186B9EBAAD0.pdf (acessado: 23.02.2018).

De acordo com Jonathan Corrado (2021), os formuladores de políticas ocidentais (principalmente dos EUA) não conseguiram prever o interesse da China na Guerra da Coreia e a ligação sociocultural da Coreia do Norte com a China (Corrado, 2021, p. 1). Asmolov (2020) afirma que o governo chinês relembra a Guerra da Coreia como uma ocasião em que a China defendeu nobremente a Coreia do Norte contra uma invasão externa. Além disso, a Guerra da Coreia foi percebida como uma guerra contra a própria China, na qual o Ocidente contribuiu para a escalada do conflito contra todo o mundo comunista. Ele argumenta que a entrada da China na Guerra da Coreia foi, portanto, vista não como um conflito, mas como uma medida preventiva contra a Terceira Guerra Mundial.⁴ Foi percebida como uma medida defensiva que gradualmente construiu a ideia de camaradagem.

Eu defendo que a explicação construtivista pode ser adequada para explicar a dinâmica das relações entre a Coreia do Norte e a China, pois ela leva em conta a história e as dinâmicas sociais dentro dos próprios Estados para determinar seus resultados. Os construtivistas sociais veem “a anarquia como aquilo que o Estado faz dela” como os fatores normativos que levam o Estado a demonstrar suas ações. As constantes interações sociais entre os líderes norte-coreanos e chineses ao longo da Guerra Civil Chinesa (1927-49) e da Guerra da Coreia (1950-53) os levaram a obter uma compreensão mais profunda da assimilação das culturas, ideias e ideologias uns dos outros, em comparação com um mundo menos interativo. A confiança mútua e a cooperação por meio da troca de ideias e interesses entre os Estados se desenvolveram ainda mais para buscar a paz. A explicação construtivista pode explicar melhor o dinamismo das relações entre a Coreia do Norte e a China ao analisar a história e a dinâmica social do Estado.

Estrutura Conceitual

A abordagem construtivista das relações internacionais difere das abordagens realista e liberal ao afirmar que rejeita a base material da interação social. Em vez disso, ela sustenta que as interações sociais criam um entendimento comum e moldam a realidade material. Em um espectro mais amplo, o Construtivismo Social nas Relações Internacionais explica a afirmação epistemológica de que o conhecimento é socialmente construído, a afirmação ontológica de que a realidade social é construída e a afirmação reflexiva de que

4 Asmolov, K., “How Truthful is China’s Stance on the Korean War?”, New Eastern Outlook. 16 de nov., 2020. URL: <https://journal-neo.org/2020/11/16/how-truthful-is-china-s-stance-on-the-korean-war/> (accessado: 06.05.2022).

conhecimento e realidade são mutuamente constitutivos (Jung, 2019, p. 2). De acordo com Alexander Wendt (1999), as relações internacionais são uma realidade socialmente construída com base em dois princípios construtivistas básicos: 1) a associação humana é determinada principalmente por ideias compartilhadas, e não por forças materiais, e 2) as identidades e os interesses de um ator são construídos por ideias compartilhadas, e não por uma natureza pré-determinada (Wendt, 1999, p. 1).

As teorias construtivistas abordam as ciências sociais, analisando como a “realidade”, incluindo os “interesses” que, em parte, definem a identidade do ator, é socialmente construída (Katzenstein et al., 1998, p. 646). Robin O. Andreasen (2000), em seu estudo, destaca a raça (raça coreana, raça amarela, etc.) como socialmente construída (Andreasen, 2000, p. 654). As interações sociais criam um entendimento compartilhado da realidade material ou das estruturas da vida cotidiana. Por sua vez, essas estruturas ajudam a reforçar ou enfraquecer novos entendimentos compartilhados. O artigo de Wendt (1992) “Anarchy is what the State makes of it” sugere que a anarquia no sistema internacional não é um dado construtivista, mas herdada pelo próprio sistema. Da mesma forma, a existência de um Estado não se baseia em fundamentos materiais, mas em um entendimento e crença compartilhados que dão sentido a esses fundamentos. Por exemplo, os EUA mantêm um arsenal nuclear de cerca de 7.500 ogivas, e a Rússia possui um número semelhante; a França tem cerca de 300 ogivas, a China cerca de 250, o Reino Unido cerca de 200, a Índia 100, o Paquistão 100, Israel 80 e a Coreia do Norte possui aproximadamente oito ogivas. Cada uma dessas ogivas nucleares poderia causar danos imensos, destruindo rapidamente uma cidade como Nova York ou São Francisco. No entanto, por que é que consideramos as oito ogivas nucleares da Coreia do Norte como uma crise existencial para a segurança dos EUA, mas não expressamos nenhuma preocupação com as 200 do Reino Unido? Por que é que os EUA estão tão preocupados com a ameaça representada pelo potencial desenvolvimento de armas nucleares pelo Irã, mas não com a posse efetiva dessas armas por parte de Israel? Wendt oferece uma possível explicação: os Estados agem de maneira diferente em relação aos inimigos do que em relação aos amigos, porque os inimigos são ameaçadores e os amigos não. A política externa de cada país pode ser vista, em parte, pelo menos como um reflexo da história da nação e do entendimento comum que se tem dela.

Um construtivista argumenta que essas ideias e interesses são relevantes nas relações internacionais. Eles rejeitam as afirmações realistas de que a natureza do sistema internacional é um dado adquirido, bem como os requisitos de autossuficiência e sobrevivência decorrentes dessa

afirmação. Também criticam as afirmações liberais sobre a possibilidade inerente de cooperação e a preocupação primordial com a proteção dos direitos humanos e o estabelecimento de uma ordem internacional liberal. De fato, os construtivistas argumentam que as ideias e identidades moldam as identidades nacionais, os objetivos da política externa e todas as relações internacionais. A cultura política, a natureza do governo, a história e a política interna podem moldar as identidades nacionais, que podem ser únicas para países específicos. O Estado possui identidades, e os Estados-nação não são todos iguais. A Coreia do Norte e a China apresentam identidades muito diferentes das da Coreia do Sul e dos EUA. Além disso, como resultado, o Estado se comporta de maneiras diferentes.

O construtivismo também nos oferece uma maneira de refletir sobre o papel das normas na política global. As normas são padrões de comportamento adequado para atores específicos nas relações internacionais, que determinam como os atores devem agir. As normas não estão necessariamente codificadas no direito internacional e servem como um guia para o comportamento de um Estado. Elas surgem à medida que atores individuais promovem ideias sobre como o sistema internacional deve funcionar e como deveria ser. Por meio da persuasão, eles podem convencer outros atores — eventualmente, Estados e organizações internacionais — da importância dessas normas. As normas se tornaram operacionais por meio da prática, e normas de “relações de lábios e dentes” ou de “irmãos de sangue” incentivaram a Coreia do Norte e a China a apoiarem-se mutuamente durante a Guerra da Coreia.

Assim, o significado coletivo constitui as estruturas em torno das quais organizamos nossas ações. Esse entendimento compartilhado também se manifesta no âmbito interno, afetando a política externa e a tomada de decisões. A seguir, apresentamos os pontos-chave relativos ao construtivismo social: 1) Em primeiro lugar, a identidade é importante, e as crenças sobre o sistema internacional moldam sua função e estrutura, bem como sua realidade. 2) Os interesses dos atores não devem ser considerados como um dado adquirido; em vez disso, devem ser vistos como reflexos de suas identidades e baseados em percepções que podem mudar ao longo do tempo. 3) O interesse não existe para ser descoberto; ele é construído por meio da interação social. 4) As normas são importantes; o entendimento compartilhado, ou seja, as normas de comportamento esperado, pode moldar ou restringir o comportamento dos atores no sistema internacional. Este artigo utilizará a abordagem construtivista e se concentrará nas seguintes premissas básicas nas relações norte-coreanas: i) a interação entre a Coreia do Norte e a China não é moldada por fatores materiais, mas principalmente por fatores ideacionais; ii) os fatores ideacionais mais significativos neste contexto são a

crença intersubjetiva de “irmãos de sangue” ou “relações de lábios e dentes”; iii) e essas crenças constroem as identidades e os interesses dos atores.

Os fatores ideacionais na transição das relações entre a Coreia do Norte e a China. Um construtivista não possui um modelo ou método único para interpretar o discurso intersubjetivo. Ele escolhe o método e as ferramentas analíticas mais adequadas à questão de pesquisa, com o auxílio de rastreamento de processos, entrevistas, observação participante, análise de conteúdo etc., para captar significados intersubjetivos (Finnemore & Sikkink, 2001). O construtivismo convencional tradicionalmente se concentra em conjunturas históricas, onde se desenvolvem novos arranjos estruturais e interações entre estruturas e agentes existentes. Por exemplo, Iain Johnston desenvolveu um argumento construtivista para explicar a consistente estratégia de segurança militante da China (Katzenstein et al., 1998, p. 676). Os construtivistas convencionais seguem as tarefas metodológicas dos campos nacionalista ou utilitarista, reunindo evidências e fundamentando-as com uma explicação. O artigo explicará as relações entre a Coreia do Norte e a China, destacando significados sociais e culturais através das lentes do construtivismo convencional (Startt & Sloan, 2003). Os relatórios do Foreign Broadcast Information Service (FBIS) e o jornal *Pyongyang Times* (semanal) são estudados contextualmente para coletar os dados e acompanhar o padrão. Isso nos ajuda a entender por que a Coreia do Norte e a China eram consideradas “irmãos de sangue” ou mantinham uma relação de “lábios e dentes” a partir da abordagem do construtivismo social.

Estado como um Construto Social

Para compreender a Coreia do Norte como uma construção social, precisamos entender como os Estados são socialmente construídos. O fator material de um Estado consiste principalmente em seu território, população, economia etc., mas os Estados também são criados por ideias (comunismo), cultura (secular, étnica) e normas (Estado de Direito). O que faz da Coreia do Norte – a Coreia do Norte? É a infraestrutura? Ou são as forças armadas? Ou é o sistema de governo? Os construtivistas argumentam que é o senso compartilhado de identidade reivindicado pelos norte-coreanos. Além disso, é uma crença compartilhada que provém da própria existência norte-coreana. No sistema internacional, um Estado não poderia existir sem seu território, nem um território sem o Estado. No entanto, quando o sistema internacional muda, as fronteiras estatais também mudam, e as pessoas dentro dele adotam ou encontram novas identidades e culturas com base em suas normas. Isso pode ser refletido na biografia traduzida de Kim Il Sung publicada em *Pyongyang*,

que mostra que ele frequentou o ensino médio em Jilin (nordeste da China), conhecida como a “Segunda Xangai”, onde se reuniam revolucionários coreanos. Ele aprendeu gradualmente a conduzir e organizar o sindicato dos camponeses em Xinantun, na aldeia de Jiangdong, em Kalun Dahuanggou, etc. (Foreign et al., 2008). Aos poucos, a sociedade norte-coreana adotou oficialmente a ideologia comunista após conquistar sua independência do domínio japonês, mas antes da introdução da sociedade revolucionária na década de 1920. A maioria dos coreanos adotou a ideologia comunista tendo como pano de fundo o movimento camponês e de libertação, cujos membros haviam entrado em contato principalmente com grupos comunistas russos e chineses. Por exemplo, os bolcheviques chegaram ao poder na Rússia (antiga URSS) em outubro de 1917. A “Revolução Bolchevique” causou a primeira impressão de reconstrução da identidade por meio da revolução entre os camponeses coreanos sob o “domínio japonês” (1910-1945). Gradualmente, a nova identidade política comunista passou a ser vista como a identidade da sociedade coreana. Dois partidos comunistas entre os grupos coreanos foram formados no mesmo ano. Em janeiro de 1918, o Partido Bolchevique Coreano (KBP) foi formado em Irkutsk, na Sibéria Ocidental, e em junho de 1918, o Partido Socialista Coreano (KSP) foi formado em Khabarovsk, localizado na Sibéria Oriental. Ambos os partidos tinham como objetivo a libertação nacional do domínio imperialista japonês e a busca pela construção de sua própria identidade. O último grupo mudou-se para Xangai em 1919, juntando-se a outros cidadãos coreanos, e, em 1925, foi formado o Partido Comunista Coreano (KCP) em Seul (Kwon, 2010, p. 286-287). Em 1927, o PCK formou uma frente unida de nacionalistas. Em 1930, a ideologia comunista entre os coreanos se espalhou pelo interior do país, mobilizando os grupos de camponeses e trabalhadores que compartilhavam os mesmos interesses de liberdade e luta de classes. Nessa época, Kim Il Sung (o primeiro presidente da Coreia do Norte) lutava contra o poder “imperialista” japonês sob a orientação do Partido Comunista Chinês. Ao longo dos anos do final da década de 1930 e início da década de 1940, um grupo de camaradas comunistas coreanos, além de Kim, incluindo Il Yu, que mais tarde se tornaria vice-primeiro-ministro da Coreia do Norte, viajou para Yan-an (a “Capital Vermelha” do Partido Comunista Chinês), para se juntar à “Guerra de Resistência” chinesa (movimento de libertação da China, 1937-1945) contra o Japão imperialista.

A existência da Coreia do Norte, em outras palavras, não repousa sobre fundamentos materiais, mas sobre um entendimento e uma crença compartilhados que conferem significado a esses fundamentos materiais. Após o movimento de luta pela liberdade contra o domínio japonês, a parte norte da Coreia ficou sob ocupação soviética de 1945 a 1948, conferindo um caráter

vitório à ideologia comunista. No entanto, após a fundação da República Popular Democrática da Coreia em 9 de setembro de 1948, as ideologias comunistas floresceram na Coreia do Norte. Em junho de 1949, surgiu a ideia de um partido comunista unificado, o Partido dos Trabalhadores da Coreia (KWP), com o plano de fundir os partidos comunistas do Norte e do Sul. Kim Il Sung foi eleito por unanimidade como presidente, e Pak Hon Young foi o vice-presidente da Coreia do Norte (Kwon, 2010, p. 288). O número de filiados ao partido aumentou drasticamente de 0,0005% (4.530 membros) em 1945 para 8% no ano de 1948 (725.762 membros) (ibid., p. 290). A maioria dos membros do Partido dos Trabalhadores da Coreia (KWP) era composta por camponeses sem experiência política prévia (Kwon, 2010, p. 288-291). Havia, ao todo, cinco grandes facções políticas identificadas: 1) os nacionalistas indígenas, 2) os comunistas locais, 3) os repatriados da China, conhecidos como a facção Yan-an, 4) os repatriados da União Soviética, chamados de facção soviética, e 5) os seguidores de Kim Il Sung que haviam participado de atividades guerrilheiras, chamados de facção Kapsan ou grupo Partisano. Muitas disputas políticas e reportagens controversas foram divulgadas pelo jornal do partido Rodong Sinmun, porta-voz do PTC (Kim, 1975, p. 65-76). Kim Il Sung eliminou o grupo Yan-an em 1956, o grupo soviético entre 1957 e 1959 e seu próprio grupo Kapsan em 1967 na luta pelo poder (Lee, 1995, p. 17-19). O construtivismo social explica como os líderes constroem ideias e tomam decisões que se tornam realidade. Nessa perspectiva, a própria realidade é construída ao longo do tempo. Quando o líder apresenta uma ideia contestada e, se ela sobreviver, ela se torna a realidade do Estado. Além disso, a construção de qualquer partido político é realizada por meio de ideias aceitas por uma vasta maioria da sociedade (Horton, 2020, p. 13). O construtivismo social define essa ideia como um conceito desenvolvido ao longo do tempo por meio de uma “intersecção” de fatores materiais, históricos e institucionais (ibid.).

Coreia do Norte e China nas Lentes do Construtivismo Social

Numa abordagem sistêmica, um Estado permite a cooperação no contexto do “Dilema do Prisioneiro” para evitar conflitos. Suponha que esses atores acreditem que a cooperação não só é possível, mas também benéfica. Nesse caso, eles agirão de acordo para proteger seus interesses (Binding, 2017, p. 19). Os construtivistas sociais têm considerado essas visões como constitutivas dos conflitos e da paz ou da escolha de aliados ao longo da história, com foco nos aspectos culturais. Tais explicações podem ajudar os construtivistas a compreender a pressão por reformas políticas ou mudanças

políticas radicais. No entanto, elas não explicam por que a Coreia do Norte e a China mantiveram laços estreitos durante a Guerra da Coreia. Timothy Hildebrandt (2003), em seu relatório sobre “Uneasy Allies”, afirma que o provérbio “mais próximos do que os lábios e os dentes” já foi usado na propaganda para promover relações mais fortes entre a Coreia do Norte e a China. Por exemplo, há muitas semelhanças entre o desenvolvimento dos movimentos comunistas coreano e chinês. O desenvolvimento do movimento comunista coreano teve início antes de 1945, enquanto o movimento comunista chinês surgiu antes da fundação da República Popular da China, em 1949. As atividades comunistas em ambos os países começaram entre o final da década de 1910 e o início da década de 1920, quando a Coreia se encontrava sob o domínio colonial japonês e a China sob o domínio semicolonial. Ambos os países possuíam sociedades agrícolas tradicionais durante esse período e precisavam modernizar suas sociedades semifeudais. Em ambos os países, os movimentos revolucionários foram liderados pela base rural e camponesa, e os intelectuais introduziram a ideologia comunista. Ideologias e normas emergem em um contexto de entendimento mutuamente constituído. As normas surgem com atores individuais promovendo ideias (ideologia) sobre como o sistema internacional deveria funcionar e o que deveria ser. Os construtivistas argumentam que a Coreia do Norte e a China acabaram acreditando que eram comunistas. Alternativamente, e mais importante, começaram a agir como se o comunismo fosse uma luta para alcançarem seu objetivo. Livres das restrições estruturais, os indivíduos escolheram se identificar como comunistas, e o poder da identidade e das ideias, para os construtivistas, levou à formação da metáfora dos “irmãos de sangue” nas relações entre ambos.

Duas das canções revolucionárias mais queridas na Coreia do Norte, no contexto metafórico da música, são *Canção do Amor Camarada* (1980) e *Canção da Amizade Coreano-Chinesa*, que retratam bem a moral da camaradagem revolucionária nascida das dificuldades das lutas guerrilheiras anticoloniais:

“Por mais árduo que seja o caminho, escaltaremos as colinas das dificuldades.

Por mais forte que seja o vento do fogo, permaneceremos juntos na vida e na morte.

Não se pode comprar, nem mesmo com toneladas de ouro, o amor sem limites dos camaradas.

Que nossa determinação viva para sempre, olhando para a Estrela

Única” (Kwon, 2013).

A Canção da Amizade Coreano-Chinesa diz:

“Somos irmãos fiéis, camaradas de sangue.

Nosso coração guarda intensamente a amizade coreano-chinesa.

Por nosso propósito comum, de mãos dadas,

marchamos em uníssono, cantando nossa canção de amizade” (ibid).

Um dos critérios culturais essenciais é a “ideologia”, que leva os Estados a escolherem seus amigos e inimigos. Uma pessoa ou grupo constrói uma ideologia para agir e tomar decisões (Freeden, 2006, p. 20). O construtivismo social reflete que a ideologia desempenha um papel fundamental na percepção de ameaças por parte de um líder e na definição de seus interesses (Jung, 2019, p. 6). Observa-se que a amizade entre Kim Il Sung e Mao Zedong baseava-se na ideologia do “marxismo-leninismo e do internacionalismo proletário”. A esse respeito, Kim Il Sung a denomina uma “aliança de luta entre irmãos de classe” (ibid.). Quando nem a ONU nem as forças chinesas se mostraram dispostas a deixar o solo coreano, Zhou Enlai reiterou que “a China agora se prepara para a Terceira Guerra Mundial”. O Resumo Diário de Inteligência (DIS) revelou que 116.000 soldados chineses estavam presentes na Manchúria, número que aumentou para 217.000 a 246.000 no final de setembro, com um efetivo potencial de 450.000 homens prontos para lutar como força de reação rápida, se necessário.⁵ Durante a Guerra da Coreia, o NKDP divulgou documentos desclassificados mostrando que a China também estava oferecendo instruções táticas, de setembro a outubro de 1950, a Kim Il Sung para vencer uma “guerra prolongada”. Esse período resultou em uma série de trocas entre Zhou e o embaixador Ni Zhiliang, que também era responsável por transmitir as observações de Zhou a Kim Il Sung. Zhou então enviou um observador militar chinês à Coreia e convidou o líder norte-coreano, Pak Il-u, para a China a fim de obter um relatório detalhado da situação no terreno.⁶ Em 11 de fevereiro de 1950, Mao Zedong apoiou o exército de Kim com equipamentos adicionais,

5 Cohen, E. A., “The Chinese Intervention in Korea”, Unclassified CIA Historical Review Program. 1950: p.56. URL: http://www.foia.cia.gov/sites/default/files/document_conversions/44/1988-11-01.pdf (acessado: 24.06.2016).

6 Kraus, C. Zhou, “Enlai and China’s Response to the Korean War”, North Korea International Documentation Project, E-DOSSIER 9, 2012. URL www.wilsoncenter.org/nkidp (acessado: 21.05.2019).

como aeronaves e motores, ferramentas de aviação, munição e modelos para a fabricação de rodas de aeronaves. Para o envolvimento dos estudantes nos combates, o documento de requisição assinado por Mao Zedong em 15 de fevereiro de 1950 incluía 42 aeronaves (20 IA 18, 10 R9 e 12 T2), 24 motores, 200 paraquedas e 10.000 cartuchos de munição, que o general Liu Yalou encomendou ao general Shtemenko.⁷

Entre 1953 e 2019, ocorreram 169 visitas oficiais entre delegados norte-coreanos e chineses. Após a Guerra da Coreia, registrou-se uma série de visitas políticas de alto nível da Coreia do Norte: cinco visitas na década de 1950, duas na década de 1960, seis na década de 1970 e dezoito na década de 1980. Esses contatos indicaram onze “visitas amigáveis” (seis da China), 20 “visitas oficiais” (incluindo visitas amigáveis oficiais); foram realizadas cinco “visitas não oficiais” (a Coreia do Norte fez três visitas), incluindo a “visita de Estado” de Kim Il Sung em 1982 e assim por diante. A manchete do *Pyongyang Times* (4 de setembro de 2010) “Kim Jong Il faz visita não oficial à China” destacou a visita de Kim à China acompanhado pelo vice-presidente da Coreia do Norte Kim Yong Chun, Kim Ki Nam, Thae Jong Su, Kang Sok Ju, Jang Song Thaek, Hong Sok Hyong, Kim Yok Il, Kim Yang Gon, Choe Ryong Hae, Kim Phyong Hae e Pak To-Chun. Do lado chinês estava Hu Jintao, acompanhado por Ling Juhua, Dai Bingguo, Wang Jiarui, Yang Jiechi, Zhang Ping, Chen Deming, Liu Jieyi e Liu Hongcai. A notícia relatou que Kim Jong Il enfatizou a amizade norte-coreana durante essa visita, destacando os laços inalterados apesar da passagem do tempo e das gerações. O *Pyongyang Times* reflete a relação amigável de Hu Jintao com a Coreia do Norte. Esse período abriu muitas portas para o comércio, a educação e o intercâmbio de ideias e cultura entre os dois países.

As delegações entre a RPDC e a RPC durante a década de 1950 incluíram 35 visitas à China e 44 à Coreia do Norte, das quais Kim Il Sung acompanhou seis visitas essenciais. Os construtivistas sociais definem isso como intersubjetividade, em que se desenvolve um entendimento comum entre indivíduos cuja interação se baseia em interesses compartilhados que moldam sua comunicação. Essa intersubjetividade fornece a plataforma para a comunicação e apoia mutuamente a ampliação da compreensão de novas informações e atividades. Assim, o conhecimento de “amizade”,

7 Documento No. 1. Telegram de Zhou Enlai para Bulganin), (fonte: *Jianguoyilai Zhou Enlaiwengao* (Zhou Enlai's Manuscripts since the Founding of the PRC), vol. 2, *Zhonggongzhongyangwenxianyanjiushi* (CPC Central Historical Documents Research Office) e *Zhongyangdang'anguan* (Central Archives), eds., (Beijing: *Zhongyangwenxianchubanshe*, 2008: 299-300. Traduzido por Jingxia Yang e Douglas Stiffler), NKIDP e-Dossier no. 9, 13 de abril, 1950. URL www.wilsoncenter.org/nkidp (acessado: 20.09.2018).

“parceiros” ou “irmandade” deriva de interações culturais. Essa construção de conhecimento é influenciada pela intersubjetividade formada por fatores culturais e históricos da comunidade.

A Guerra da Coreia chegou ao fim com a assinatura de um armistício em 27 de julho de 1953 entre os EUA, a China, a Coreia do Norte e a Coreia do Sul. No entanto, isso também marcou uma vitória para os “irmãos de sangue”, dando sentido ao vínculo social entre eles. Em sua mensagem de Ano Novo, Kim Il Sung se dirigiu a “todos os soldados e oficiais das unidades de voluntários chineses” como “irmãos de sangue”.⁸ Sua mensagem de Ano Novo foi amplamente transmitida de 1º a 9 de janeiro de 1951.⁹ Da mesma forma, a mensagem do Dia Internacional da Mulher foi dirigida a líderes como Stalin, Mao e Kim Il Sung, com sincera gratidão pelo apoio e compromisso, culminando na vitória final.¹⁰ Assim, as imagens dos líderes foram retratadas como símbolos heróicos com uma conexão entre as respectivas culturas nas formas de “Óperas de Pequim” (yangbanxi) na RPC e “óperas revolucionárias” (hukmyung kageuk) no caso da RPDC (Kim, 2005, pp. 2-3). Mustapha Fersi (1983), em seu trabalho publicado em Pyongyang (capital da Coreia do Norte), destaca o trecho da entrevista de Kim Il Sung à Agência de Notícias Xinhua em 23 de abril de 1981. Em suas próprias palavras, Kim diz: “A Coreia do Norte e a China são vizinhas ligadas pela mesma montanha e pelo mesmo rio. Durante séculos, as pessoas estiveram próximas de camaradas de armas e irmãos de classe cujos destinos estão ligados entre si na revolução socialista e na construção de um exemplo de internacionalismo proletário.” Ele diz ainda: “Nenhuma força na terra pode destruir a grande amizade entre a Coreia do Norte e o povo chinês, que está selada com sangue nas chamas da árdua luta revolucionária” (Fersi, 1983, pp. 207-8). Quando o conselheiro de estado e ministro da Segurança Pública da China, Meng Jianzhu, visitou a Coreia do Norte em Fevereiro de 2011, escreveu no livro de visitantes: “Kim Il Sung viverá nos corações do povo chinês” (*The Pyongyang Times*, 19 de Fevereiro de 2011).

Coreia do Norte e China no Contexto Presente

8 Far East Survey, North Korea: “Fight on to attain the Final Victory,” 5 de jan. 1951. URL: <https://archive.org/details/KoreanWarCIA> (acessado: 15.02.2018).

9 Far East Survey, North Korea: “Fight on to attain the Final Victory” (Continuação), 18 jan. 1951. URL: <https://archive.org/details/KoreanWarCIA>. (acessado: 17.02.2018)

10 Far East Survey, North Korea: Continuing Faith in Ultimate Victory. March 15, 1951. URL: <https://archive.org/details/KoreanWarCIA> (accessed: 17.02.2018)

Mesmo no contexto atual, o líder da Coreia do Norte, Kim Jong Un, e o presidente da República Popular da China, Xi Jinping, prometeram fortalecer a cooperação por ocasião do aniversário do tratado de amizade entre os dois países, assinado em 11 de julho de 1961. Esse tratado de amizade foi assinado anteriormente devido à instalação de um governo militar na Coreia do Sul em maio de 1961, o que a Coreia do Norte interpretou como um fortalecimento dos laços da Coreia do Sul com os EUA (Hoshino & Hiriwa, 2020, p. 20). De acordo com a Agência de Promoção do Comércio e Investimento da Coreia (KOTRA), com sede em Seul, o comércio bilateral aumentou entre 2000 e 2015, enquanto em 2014 atingiu 6,86 bilhões de dólares (Albert, 2019).

O comércio entre a Coreia do Norte e a China não tem se mantido estável desde as sanções da ONU. No entanto, uma parte significativa do comércio da Coreia do Norte com países terceiros passa, em grande parte, pela China, o que faz com que os dois países dependam um do outro. Hoshino e Hiriwa (2020) acrescentam que Pequim e Pyongyang tornaram-se mais dependentes uma da outra. Eles classificam essa dependência em quatro fatores: segurança nacional, ideologia socialista, laços tradicionais e relações econômicas. Em 20 de junho de 2019, Xi Jinping visitou Pyongyang, marcando sua primeira viagem à Coreia do Norte. Durante sua visita, ele prometeu construir a nova ponte sobre o rio Yalu, projeto que havia sido prometido anteriormente pelo primeiro-ministro chinês Wen Jiabao em 2009 e interrompido após a conclusão de apenas 3 km em 2015, com um custo de 350 milhões de dólares para a China.¹¹

Apesar dos benefícios econômicos obtidos pela Coreia do Norte, o teste nuclear realizado por Pyongyang em outubro de 2006 levou Pequim a apoiar a decisão do Conselho de Segurança da ONU sobre as sanções da Resolução 1718 (ibid., 2019). Com a aproximação cada vez maior da China à Coreia do Sul, os contínuos testes nucleares de Pyongyang, entre outros fatores, alguns chegaram a prever que a Coreia do Norte e a China não mantêm mais uma relação de “lábios e dentes”.¹² Desde o teste nuclear da Coreia do Norte em 2016, a Coreia do Sul tornou-se proativa na instalação do THAAD (sistema americano de defesa antimísseis balísticos) e estreitou laços com os EUA. Isso também se deveu à relutância da China em pressionar a Coreia do Norte, enquanto a Coreia do Sul instava a comunidade internacional a intervir. A

11 Wertz, D., China-North Korea Relations, The National Committee on North Korea. Nov. 2019. URL: <https://www.ncnk.org/resources/briefing-papers/all-briefing-papers/china-north-korea-relations> (acessado: 4.10.2021).

12 Wen, P. e Shepherd, C. ‘Lips and teeth’ no more as China’s ties with North Korea fray, Reuters, 8 set. 2017. URL: <https://www.reuters.com/article/us-northkorea-missiles-china-idUSKCN1BJ0IN> (acessado: 27.01.2022).

China se opôs veementemente à implantação do THAAD na Coreia do Sul, vista como uma ameaça à Península Coreana (Hoshino & Hiriwa, 2020, p. 26). Isso contribuiu ainda mais para a continuidade do legado histórico das relações no cenário geopolítico.

Análise da Guerra da Coreia

A Guerra da Coreia não é apenas parte da história política; muitos historiadores especializados em guerra continuam interessados nos fatores socioculturais e a recordam como uma guerra psicológica, o que contribuiu para a construção das noções de relações culturais (Hong, 2018, p. 244-245). Tanto a Coreia do Norte quanto a Coreia do Sul distribuíram aproximadamente 2,5 milhões de panfletos ou folhetos de propaganda durante a Guerra da Coreia, refletindo as visões das conexões histórico-culturais, mas isso também é outra vertente dos estudos “ideacionais”. Hong (2018) afirma que foi a primeira vez que o exército dos EUA se deparou com a propaganda comunista, o que levou estudiosos de diversas disciplinas a investigar a história da Guerra da Coreia e os laços entre a RPDC e a RPC (ibid). Além disso, pesquisas anteriores, incluindo relatórios governamentais, forneceram informações significativas sobre a guerra psicológica, embora a maior parte delas seja de perspectivas ocidentais, principalmente dos Estados Unidos (Kim & Haley, 2018, p. 938). Outros estudiosos, a partir de uma perspectiva cultural, compreenderam que a propaganda comunista era muito superior à propaganda da ONU. Chung (2004) dividiu as informações veiculadas na propaganda da Guerra da Coreia em duas grandes categorias: i) interesses pessoais e ii) política e ideologias. Essa pesquisa anterior oferece algumas perspectivas sobre a propaganda da Guerra da Coreia no que diz respeito aos seus temas. Schneider e Ingram (1993) afirmam que as construções sociais influenciam a agenda política, as ferramentas e a fundamentação que legitimam as escolhas políticas. Eles afirmam que os comunistas tentaram se concentrar mais em fortalecer a fé de seus soldados e em mantê-los focados. Ao mesmo tempo, a propaganda da ONU centrou-se mais em apresentar informações sobre sua superioridade com base em suas armas avançadas (ibid).

A partir do *Pyongyang Times*, sob a ótica do construtivismo, percebe-se que as relações entre a Coreia do Norte e a China são vistas como socialmente construídas. O construtivismo social ilustra a realidade social de que essas 350 armas nucleares chinesas são menos ameaçadoras para a Coreia do Norte do que os cinco THAAD americanos adquiridos pela Coreia do Sul. Isso reflete que não se trata da arma nuclear ou do míssil balístico (poder

material), mas sim de atribuir significado à estrutura material (estrutura ideacional). Nessa perspectiva, a relação social entre a Coreia do Norte e a China e entre os EUA e a Coreia do Sul é percebida no entendimento compartilhado (intersubjetividade) com base em suas interações. Assim, isso mostra que armas nucleares ou mísseis não têm significado a menos que os compreendamos através do contexto social, e isso muda ao longo do tempo dependendo das ideias e crenças de um ator.

Essa agência e essa estrutura são construídas mutuamente, o que implica que a estrutura influencia a agência e a agência influencia a estrutura. Sob a ótica do construtivismo, a realidade social das “relações de lábios e dentes” ou de “irmãos de sangue” entre a Coreia do Norte e a China representa a estrutura intersubjetiva (ideias e crenças compartilhadas por ambos os Estados), na qual a Coreia do Norte e a China são os atores capazes de alterar a estrutura existente ou a relação social de amizade. Essa mudança depende das crenças e ideias dos Estados. Esse sistema de crenças é, no entanto, construído constantemente por meio da indústria cultural. Por exemplo, o *Pyongyang Times* (28 de agosto de 2010) relata que o empresário chinês Zhang Joangrong, que trabalhava na Coreia do Norte, avistou três meninas coreanas à deriva perto da costa da cidade de Rason (região de Kwanbuk, na Coreia do Norte). Ele e seu amigo Yuan Xinwang correram para resgatar as meninas, mas, infelizmente, perderam a própria vida. Esse incidente consagrou Zhang como uma figura heróica na Coreia do Norte e exaltou o legado da amizade entre a Coreia do Norte e a China, transmitido de geração em geração. Na Coreia do Norte, essa amizade é conhecida como “young ch’inson” (amizade coreano-chinesa); na China, essa relação é chamada de “youyi ou Kunshan” (laços entre a RPC e a RPDC). O papel das ideias é crucial na construção da vida social e está centralmente ligado ao social, e não ao material (Cho, 2009, p. 79). A história dos soldados chineses na Guerra da Coreia é continuamente lembrada por meio de selos postais emitidos na Coreia do Norte.

O Departamento Estatal de Selos emitiu selos oficiais comemorativos do 60º aniversário dos voluntários chineses na Guerra da Coreia, a fim de manter viva a história entre os dois países (*The Pyongyang Times*, 18 de setembro de 2010). A construção da Ponte da Amizade Sino-Norte-Coreana no rio Yalu, entre a Coreia do Norte e a China, constitui outro exemplo simbólico de uma imagem construída de amizade. Este local fervilha com o tráfego em rápido crescimento de mercadorias e matérias-primas entre os dois países. Esta ponte liga a cidade de Dandong (antiga Andong), cidade fronteiriça da China na província de Liaoning, e Sinuiju, uma das cidades mais setentrionais da Coreia do Norte. Outros comemoram pontos simbólicos, como a “Torre da Amizade” (Uuitap) de Pyongyang. Sua função principal é servir como um

memorial de guerra dedicado aos mártires chineses que lutaram na Guerra da Coreia. Dentro dessa torre de granito de trinta metros de altura, o memorial mantém os registros de 22.700 soldados chineses mortos em combate. O construtivismo social afirma que a “guerra” é um fenômeno de construção social. Isso significa que os atores podem influenciar a guerra ao agir sobre o sistema de estrutura de agentes (Binding, 2017, p. 19). Essa visão difere da visão realista, que argumenta que a estrutura anárquica determina o comportamento dos Estados. Os construtivistas argumentam que “a anarquia é o que os Estados fazem dela” e depende do significado que os atores atribuem a ela.

As identidades e os interesses dos atores são outros fatores centrais nas relações entre a Coreia do Norte e a China. O construtivismo defende que as identidades são criadas por meio da interação social com outros atores e constituem interesses e ações. A identidade de um pequeno Estado implica um conjunto de interesses que difere da identidade de um Estado mais poderoso. Suponhamos que o foco do pequeno Estado seja a sobrevivência. Nesse caso, o Estado mais significativo está preocupado em exercer influência sobre ele em assuntos políticos, econômicos e militares (Theys 2018: 2). Durante a “Guerra Civil Chinesa” (1927-1949), entre o Partido Comunista Chinês (PCC) e os nacionalistas, 100 mil residentes de etnia coreana foram persuadidos a se juntar às forças comunistas chinesas, onde serviram como base de apoio estratégico ao PCC na Manchúria. As 156^a, 164^a e 166^a divisões, que constituíam as melhores unidades de combate do Exército Popular de Libertação (EPL) da China, eram compostas principalmente por esses soldados de etnia coreana que participaram da batalha. Assim, as identidades também são construídas com o envolvimento de vários atores, com base em seus interesses e interações.

Outros fatores, como as normas sociais, são igualmente importantes para o construtivismo social. As normas sociais desempenham um papel essencial na formação das identidades. Em outras palavras, as identidades e os interesses dos Estados são moldados por normas que implicam preferências e ações consequentes (Hopf, 1998, p. 175). A identidade de um Estado deve estar em conformidade com as normas que os construtivistas sociais chamam de “lógica da adequação”, acreditando que seus comportamentos são adequados. De acordo com o construtivismo social, os Estados relevantes devem adotar essas normas e internalizá-las em suas práticas. Por exemplo, a Agência Central de Notícias da Coreia é um veículo de mídia estatal na Coreia do Norte. Foi fundada em 5 de dezembro de 1946 e tem desempenhado continuamente um papel essencial no apoio ao seu regime. Da mesma forma, veículos de notícias chineses, como a Agência Xinhua e o People’s Daily Online, são

administrados pelo governo militar e, ao mesmo tempo, são conhecidos por receberem altos salários por seu trabalho. O Estado administra jornais oficiais na Coreia do Norte, como o Jornal do Partido dos Trabalhadores (Minju Choson) (Oh & Hassing, 2000, pp. 4-12).

Uma análise de conteúdo minuciosa do *Pyongyang Times* (de junho de 2010 a junho de 2011) revela 16 manchetes dedicadas a Kim Il Sung e 25 manchetes elogiando as relações entre a Coreia do Norte e a China durante a Guerra da Coreia. Os artistas das exposições de artes plásticas e fotografia relataram as práticas mais criativas em sua dedicação aos líderes Mao e Kim. Este jornal suscita reflexões sobre os objetivos das relações exteriores, já que o Estado articula continuamente a ideia de “superioridade” ou “aliados” como propaganda para salvaguardar seus interesses. Isso indica que a propaganda constrói ideias e se torna realidade quando elas são aceitas pela sociedade. Na política internacional, a propaganda é geralmente direcionada a públicos-alvo de formadores de opinião (Newman, 1951, p. 60). A palavra “propaganda” (Xuan Quan) em si não carrega necessariamente a mesma conotação negativa na cultura chinesa, mas é vista como uma abordagem centrada no autor (West, 1992, p. 386). Assim, os fluxos de ideias moldados pelo ambiente da mídia estatal e, por meio dessa representação, nas interações cotidianas, constroem simultaneamente a realidade social. O caso das relações de devoção norte-coreanas tem sido, portanto, bem-sucedido e sobreviveu na história da política mundial.

Conclusão

Os fatores ideacionais entre a Coreia do Norte e a China foram essenciais para a formação da identidade estatal e da cooperação ao longo da Guerra da Coreia. Os “fatores ideacionais” (cultura e identidade), que se opõem aos “materialistas” (poder e tecnologia), enfatizam o papel das ideias e da identidade na atribuição de significado às estruturas materiais. O construtivista social vê o conhecimento compartilhado e a identidade nacional nas relações norte-coreanas como distintos devido às suas ideias compartilhadas, e não a fatores materiais. Os valores culturais enraizados nas ideias de Confúcio, o “interesse” comum de se opor ao imperialismo, a adoção da ideologia comunista tanto por Mao Zedong quanto por Kim Il Sung e a imagem percebida de “irmãos de sangue” ao longo da Guerra da Coreia moldaram a amizade entre os dois países a um nível extraordinário.

Não são apenas a distribuição de poder e riqueza e as condições geográficas que explicam o comportamento dos Estados, mas também ideias,

identidades e normas. A anarquia e a distribuição de poder não são suficientes para nos dizer quais. Por exemplo, o poder militar da China teve um significado estrutural diferente para a Coreia do Norte do que para a Coreia do Sul, apesar de suas posições estruturais. Os mísseis da Coreia do Norte tiveram um significado diferente para a China do que para os EUA. A distribuição de poder pode influenciar os cálculos dos Estados, mas a forma como isso ocorre é determinada pela compreensão e expectativa intersubjetivas da distribuição de conhecimento que compõem sua concepção de si e dos outros. Supondo que a Coreia do Norte e a Coreia do Sul decidam que são, de fato, irmãos de sangue, a Guerra da Coreia estará encerrada. Os significados coletivos constituem a estrutura em torno da qual organizamos nossas ações. Esse entendimento compartilhado também se manifesta internamente, afetando a política externa e a tomada de decisões.

Desde o fim da Guerra Fria, a Coreia do Norte tem atuado como um Estado-tampão para a China, sendo o único país do Nordeste Asiático a ser considerado mais do que um simples parceiro. Esse Estado-tampão situa-se entre a China e as alianças dos EUA com a Coreia do Sul e o Japão. O construtivismo distingue entre a situação internacional real e o que os atores importantes sabiam naquele momento. O comportamento de vários Estados pode variar em um determinado momento, ou o comportamento de um único Estado pode mudar ao longo do tempo. A questão norte-coreana parece diferente aos olhos de Pequim do que aos de Washington. A China, assim como os EUA, não deseja uma Coreia do Norte nuclear, mas os interesses estratégicos chineses diferem dos objetivos dos Estados Unidos. Em vez da hegemonia dos EUA no Nordeste Asiático, a China está mais preocupada com a sobrevivência do regime, que é governado pelo legado familiar da dinastia Kim na Coreia do Norte após a era de Kim Il Sung. Como a realidade é subjetiva, a mídia controlada pelo Estado na Coreia do Norte e na China continuará a criar camaradagem por meio das indústrias culturais, revigorando as ideias, os interesses e a ideologia de seus cidadãos de geração em geração.

No entanto, o construtivismo social ressalta que as relações simbólicas de “irmãos de sangue” ou de “lábios e dentes” entre a Coreia do Norte e a China não são imutáveis, mas “sujeitas a mudanças”. A China tem demonstrado mais interesse em cultivar relações econômicas significativas com a Coreia do Sul do que em revitalizar sua parceria ideológica com a Coreia do Norte. A China também se posicionou contra a Coreia do Norte durante seus testes nucleares em 2006 e aprovou as sanções da Resolução do Conselho de Segurança da ONU, o que marcou o declínio no relacionamento até a visita de Kim Jong Un a Pequim. Existe um ponto de inflexão entre cada estágio. Algumas normas não conseguiram ganhar força, e outras nunca saíram do

estágio emergente. Outras começam a se propagar, mas perdem impulso e nunca são operacionalizadas. A Coreia do Norte e a China relembaram a irmandade em outubro de 2019, o que levou ambos os países a celebrar novamente os 70 anos de “amizade invencível”.

Assim, o ciclo de vida das normas continua com seu crescimento e influência. As normas emergem quando atores individuais promovem ideias sobre como o sistema internacional deve funcionar e o que ele deveria ser. Por meio da persuasão, eles podem influenciar outros atores a reconhecerem a importância dessas normas, como a “amizade eterna”. Isso leva a um efeito cascata, no qual cada vez mais atores adotam a norma e se comportam como se ela fosse verdadeira. O motivo é que buscam aumentar sua legitimidade, ou um líder estatal pode desejar ser visto como atuante em um tema importante no cenário internacional, ou ainda sofrer pressão interna ou externa para confirmar sua posição. A Coreia do Norte e a China se comportam de acordo com os princípios delineados nas normas. A China sempre apoiou a Coreia do Norte em termos de ajuda econômica, e a Coreia do Norte sempre apoiou a China em questões de soberania e territoriais. A China aspira a ser a próxima superpotência, enquanto a Coreia do Norte ficou para trás e luta constantemente por sua sobrevivência. Contudo, enquanto essas normas persistirem, as relações de “irmandade sanguínea” entre a Coreia do Norte e a China continuarão sendo construídas dentro da estrutura do conhecimento, o que ainda é singular na história sociopolítica do século XXI.

Referências

- Andreasen, R. O. (2000), Biological Reality or Social Construct?, *Philosophy of Science*, 67, 653-666.
- Albert, E. (June 25, 2019), The China-North Korea Relationship, Council on Foreign Relations. URL: <https://www.cfr.org/backgrounder/china-north-korea-relationship>
- Binding, M. (2017), “The Social Construction of War,” *Canadian Military Journal*, 18 (1), 16-22.
- Corrado, J. (2021), Rethinking Intelligence Failure: China’s Intervention in the Korean War, *International Journal of Intelligence and Counter Intelligence*, 0, 1–21.
- Chung, Y. W. (2004), Leaflets and the nature of the Korean War as psychological warfare. *The Review of Korean Studies*, 7 (3), 91-116.
- Cho, Y. C. (2009), “Conventional and Critical Constructivist Approaches

- to National Security: An Analytical Survey, *The Korean Journal of International Relations*, 49 (3), 75-102.
- Cho, S. (Dec. 21, 2021), *China and North Korea: A New Peak of Comradeship*, Italian Institute for International Political Studies. URL: <https://www.ispionline.it/en/pubblicazione/china-and-north-korea-new-peak-comradeship-32716>
- Dwivedi, S. S. (2012), *North Korea-China Relations: An Asymmetric Alliance*, *North Korea Review*, 8 (2), 76-93.
- Finnemore, M., & Sikkink, K. (2001), Taking stock: The constructivist research program in international relations and comparative politics, *Annual Review of Political Science*, 4, 391-416.
- Freeden, M. (2006), "Ideology and Political Theory," *Journal of Political Ideologies*, 11 (1), 3-22.
- Fersi, M. (1983), *The Sun in the East*, Pyongyang: Foreign Languages Publishing House.
- Foreign Languages Publishing House (2008), *Kim Il Sung: With the Century*, Excerpt (2), Pyongyang, Korea.
- Hoshino, M. and Hiraiwa, S. (2020), Four factors in the "special relationship" between China and North Korea: a framework for analyzing the China-North Korea Relationship under Xi Jinping and Kim Jong-un, *Journal of Contemporary East Asia Studies*, 9 (1), 18-28.
- Hildebrandt, T. (2003), Introduction to 'Uneasy allies: fifty years of China-North Korea relations': special report. *Asia Program Special Reports* (115). Woodrow Wilson International Center for Scholars, Washington D.C.
- Hong, S. C. (2018), Propaganda leaflets and Cold War frames during the Korean War, *Media, War & Conflict*, 11 (2), 244-264.
- Hopf, T. (1998), The promise of constructivism in international relations theory, *International Security*, 23 (1), 171-200.
- Horton, H. (2020), "North and South Korea: Division by constructions," Honors Thesis, University of Tennessee, Chattanooga.
- Jung, H. (2019), *The Evolution of Social Constructivism in Political Science: Past to Present*, SAGE Open, Pp. 1-10. First Published Feb. 27, 2019. URL: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/2158244019832703>
- Kim, I. P. (1975), *Communist Politics in North Korea*, New York: Praeger Publishers.
- Kim, S. J. (2003) "The Economic Status and Role of Ethnic Koreans in China" in *The Korean Diaspora in the World Economy* (Edited by C. Fred

- Bergsten and Inbom Chol), Institute for International Economics: Washington D. C.
- Kim, S. Y. (2005), "Revolutionizing the family: a comparative study on the filmed propaganda performances of the People's Republic of China and the Democratic People's Republic of Korea, 1966-1976", Thesis (Ph.D.), Northwestern University.
- Kim, S. and Haley, E. (2018), Propaganda strategies of Korean War-era leaflets, *International Journal of Advertising*, 37 (6), 937-957.
- Kwon, S. (2010). "State building in North Korea: from a 'self-reliant' to a 'military-first' state." *Asian Affairs*, 34 (3), 286-296.
- Kwon, Heonik (2010), North Korea Politics of Long Going, *Critical Asian Studies*, Vol. 42 (1), 3-22.
- Kwon, Heonik (2013), The Korean War and Sino-North Korean Friendship, *The Asia-Pacific Journal*, Vol. 11 (32), No. 4, August 12, 2013. URL: <http://www.newfocusintl.com> (Accessed on 12 July 2013).
- Katzenstein, P. et al. (1998), International Organization at Fifty: Exploration and Contestation in the Study of World Politics, *International Organization*, 52 (4), 645-685.
- Lee, I. S. (ed.) (1995), North Korea, the Land that Never Changes: Before and After Kim Il Sung. Seoul: Naewoe Press.
- Newman, R. T. (1951), Propaganda: An Instrument of Foreign Policy, *Columbia Journal of International Affairs*, 5 (2), 56-64.
- Nigel, T and Peter Abbott (1986), The Korean War, 1950-53, Osprey Men-at-Arms series No. 174, Great Britain: Reed International Books Limited.
- Oh, K. D. and Hassing, R. C. (2000), "North Korea Through the Looking Glass," *Brooking Institution Press*, Washington DC.
- Startt, J. D. and Sloan, W. D. (2003), *Historical methods in mass communication*, Northport, AL: Vision Press.
- Slaughter, A. M. (2011), "International Relations, Principal Theories." *Max Planck Encyclopedia of Public International Law*, 2011. URL: https://scholar.princeton.edu/sites/default/files/slaughter/files/722_intlrelprincipaltheories_slaughter_20110509zg.pdf.
- Schneider, A. and Ingram, H. (1993), Social Construction of Target Populations: Implications for politics and policy, *American Political Science Review*, 87 (2), 334-347.
- The Pyongyang Times (Jun. 19, 2010), 'Korean performance holds Chinese audience spellbound.' No. 25 (2,591), Pyongyang, Democratic People's Republic of Korea.

- The Pyongyang Times (Aug. 28, 2010), 'Chinese risks his life to rescue Korean girls' No. 35 (2,601), Pyongyang, Democratic People's Republic of Korea.
- The Pyongyang Times (Sep. 4, 2010), 'Kim Jong Il pays an unofficial visit to China.' No. 36 (2,602), Pyongyang, Democratic People's Republic of Korea.
- The Pyongyang Times (Sep. 18, 2010), 'DPRK, Chinese university presidents meet.' No. 38 (2,604), Pyongyang, Democratic People's Republic of Korea.
- The Pyongyang Times (Sep. 18, 2010), 'Stamps feature Chinese soldiers' entry into the Korean war.' No. 38 (2,604), Pyongyang, Democratic People's Republic of Korea.
- The Pyongyang Times (Feb. 19, 2011), 'DPRK, Chinese university presidents meet.' No. 38 (2,604), Pyongyang, Democratic People's Republic of Korea.
- The Pyongyang Times (Feb. 19, 2011), 'Chinese public security minister visits Pyongyang.' No. 38 (2,604), Pyongyang, Democratic People's Republic of Korea.
- Theys, S. (Feb. 23, 2018), *Introducing Constructivism in International Relations Theory*, E-IR Foundations. URL: <https://www.e-ir.info/2018/02/23/introducing-constructivism-in-international-relations-theory/>
- Wendt, A. (1992), 'Anarchy is what States Make of it: The Social Construction of Power Politics', *International Organization*, Vol. 46 (2): 391-425.
- Wendt, A. (1999) *Social Theory of International Politics* First Edition. Cambridge: Cambridge University Press.
- West, P. (1992), 'The Korean War and the Criteria of Significance in Chinese Popular Culture', *The Journal of American-East Asian Relations*, 1 (4), 383-408.
- Yoon, S. H. and Lee, S. O. (2013), 'From old comrades to new partnerships: dynamic development of economic relations between China and North Korea', *The Geographical Journal*, 179 (1): 19-31.

RESUMO

De tempos em tempos, as relações entre a Coreia do Norte e a China têm sido analisadas por diversos estudiosos como um subproduto ou um Estado-satélite da China. Frequentemente debatemos poder, guerra e aliados a partir de uma perspectiva realista. No entanto, a abordagem construtivista não tem sido muito abordada. Os desenvolvimentos significativos durante a Guerra da Coreia foram simbólicos, envolvendo ideias compartilhadas e a criação de identidades, que foram cruciais para compreender as escolhas e preferências do Estado na tomada de decisões de política externa. Neste artigo, recorro à abordagem construtivista para analisar as relações entre a Coreia do Norte e a China durante a Guerra da Coreia. Dessa forma, a explicação construtivista pode ser adequada para explicar a dinâmica dos laços entre a Coreia do Norte e a China, pois ela considera a história e a dinâmica social dentro dos Estados para determinar seus resultados.

PALAVRAS-CHAVE

Coreia do Norte, China, Guerra da Coreia

Recebido em 9 de setembro de 2024

Aprovado em 14 de outubro de 2025

Traduzido por Augusto Camatti